

Goldemberg aponta as falhas da educação

■ Currículos inadequados e professores incompetentes levam a um alto índice de repetência no 1º grau

RICARDO FONSECA

SÃO PAULO — Mais de 80% das crianças brasileiras que entram na escola não completam o 1º grau, tornando inócua a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional que decretou a obrigatoriedade de escolarização completa e de boa qualidade para todos. Essa é uma das principais conclusões do estudo *O Repensar da Educação no Brasil*, que o físico José Goldemberg, ex-

ministro da Educação e ex-presidente da SBPC, vai apresentar hoje em conferência no Instituto de Estudos Avançados, da USP.

A mais completa radiografia sobre a crise do sistema educacional brasileiro derruba vários mitos. Goldemberg prova que as crianças largam a escola devido à repetência e que isto ocorre devido a currículos inadequados e professores incompetentes. "O que está errada é a

escola que, recebendo crianças, é incapaz de lhes transmitir o conhecimento e as habilidades necessárias para que consigam atingir a 8ª série em oito anos ou pouco mais", conclui Goldemberg.

Um estudo da evolução das matrículas, série por série, de 1978 a 1989 mostra a gravidade do problema do abandono da escola. Dos 6,5 milhões de crianças que se matricularam na 1ª série, pouco mais da

metade (3,6 milhões, ou 55,3%) estavam, no ano seguinte, na segunda. Quatro anos depois, matricularam-se na quarta série 2,4 milhões de crianças, apenas 37,2% das que ingressaram na escola.

Com menos intensidade, o abandono da escola continua nas séries seguintes, inclusive no 2º grau e na faculdade. O índice de matriculados cai para 18,3% na última série do 1º grau, para 11,8% na terceira

série do segundo, e para 5,9% no primeiro ano da faculdade. Goldemberg reconhece que houve uma pequena reversão desse quadro para os que ingressaram na escola na década passada. Enquanto apenas 16,3% das crianças completavam o 1º grau oito anos depois de entrar na escola, em 1980, a taxa de sucesso no ensino fundamental cresceu para 19,4%, em 1984, e chegou a 22%, em 1988.